



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

TAIANE DOMINGOS DE OLIVEIRA

**O ROMANCE POLICIAL FEMININO NO SÉCULO XIX: UMA LEITURA DA
MULHER-DETECTIVE NOS CONTOS *A MALETA DEIXADA NA SOLEIRA* E *A
IRMANDADE DE REDHILL*, DE CATHERINE PIRKIS**

**GUARABIRA
2022**

TAIANE DOMINGOS DE OLIVEIRA

**O ROMANCE POLICIAL FEMININO NO SÉCULO XIX: UMA LEITURA DA
MULHER-DETETIVE NOS CONTOS *A MALETA DEIXADA NA SOLEIRA* E *A
IRMANDADE DE REDHILL*, DE CATHERINE PIRKIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Programa de Graduação
em Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Escrita Feminina

Orientador: Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes.

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O234r Oliveira, Taiane Domingos de.
O Romance Policial Feminino no século XIX: [manuscrito] : Uma leitura da mulher-detetive nos contos "*A maleta deixada na soleira*" e "*A Irmandade de Redhill*" de Catherine Pirkis / Taiane Domingos de Oliveira. - 2022.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Literatura feminina. 2. Romance policial. 3. Mulheres detetives. 4. Loveday Brooke. I. Título

21. ed. CDD 810

TAIANE DOMINGOS DE OLIVEIRA

**O ROMANCE POLICIAL FEMININO NO SÉCULO XIX: UMA LEITURA DA
MULHER-DETECTIVE NOS CONTOS *A MALETA DEIXADA NA SOLEIRA* E *A
IRMANDADE DE REDHILL*, DE CATHERINE PIRKIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Programa de Graduação
em Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado em Letras.

Área de concentração: Escrita Feminina

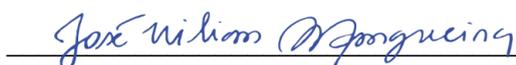
Aprovada em: 24/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Dr. Auricélio Soares Fernandes (UEPB)

(Orientador)



Dr. José Vilian Manguiera (UEPB)

(Examinador)



Me. Giovane Alves de Souza (UEPB)

(Examinador)

RESUMO

Ao longo da história, a mulher - em diversos aspectos da vida - foi categorizada como inferior ao homem. Na literatura, por muito tempo, elas foram proibidas de escrever ou ter seus escritos publicados. Na narrativa de detetive, algumas autoras e personagens femininas foram simplesmente apagadas e esquecidas. Pouco ou quase nada se sabe sobre personagens detetives mulheres, bem como escritoras desse gênero literário, que surgiram no período de Sherlock Holmes. Assim, este trabalho tem o objetivo de resgatar a figura feminina no romance policial através de uma análise da personagem-detetive Loveday Brooke, da autora Catherine Louisa Pirkis (1893), considerando a falta de popularidade e conhecimento que se tem sobre detetives femininas no século XIX. Para isso, a personagem foi analisada através de dois contos: "A maleta deixada na soleira" e "A irmandade de Redhill". Tomamos como base para corroborar nossa pesquisa alguns autores como Michael Sims (2011), Michael Cook (2011), Maureen T. Reddy (2003), Virginia Woolf (2012) entre outros. Dessa forma, percebe-se que o construto social e cultural do século XIX e os estereótipos de gênero presentes na sociedade contribuíram para a falta de popularidade e reconhecimento de detetives femininas como também para o seu surgimento na literatura policial.

Palavras-Chave: Literatura feminina. Romance policial. Mulheres detetives. Loveday Brooke.

ABSTRACT

Throughout history, women - in various aspects of life - have been categorized as inferior to men. In literature, for a long time, they were prohibited from writing or having their writings published. In detective narratives, some female authors and characters were simply erased and forgotten. We hardly know about female detective characters, as well as writers of this literary genre, who emerged in the period of Sherlock Holmes. Thus, this work aims to reclaim the female figure in the detective story through an analysis of detective-character Loveday Brooke (1893), by author Catherine Louisa Pirkis, considering the low popularity and knowledge about female detectives in the 19th century. For this, the character was analyzed through two short stories: "The Black Bag Left on a Door-Step" and "The Redhill Sisterhood". We utilized as a basis to corroborate our research authors such Michael Sims (2011), Michael Cook (2011), Maureen T. Reddy (2003), Virginia Woolf (2012), among others. In this way, we understand that the social and cultural construct of the 19th century and the gender stereotypes present in the society, contributed to the lack of popularity and recognition of women detectives, as well as to their emergence in detective novels.

Keywords: Women's literature. Detective story. Women's detective. Loveday Brooke.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 A história de detetive: De Poe a Sherlock Holmes (1835-1900)	7
2.2 A literatura feminina no contexto vitoriano	10
2.3 A literatura de detetive feminina: Catherine Pirkis	13
3 LOVEDAY BROOKE E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER-DETETIVE	15
3.1 Breves considerações sobre o gênero literário conto	15
3.2 A maleta deixada na soleira: questionando as habilidades femininas de resolver crimes	17
3.3 A Irmandade de Redhill: o início de uma autonomia para Loveday Brooke	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26

1 INTRODUÇÃO

Criada em 1893 pela escritora Catherine Louisa Pirkis, a personagem Srta. Loveday Brooke chega às ruas da Inglaterra vitoriana para resolver crimes e desvendar mistérios. A detetive é apresentada para o público em uma coletânea de sete contos chamada *As aventuras da senhorita detetive Loveday Brook*, cuja sua trajetória de investigações analisaremos em dois deles: “A maleta deixada na soleira” e “A irmandade de Redhill”. Esses contos, além de nos apresentar características físicas da personagem, nos mostram as razões que a levaram à profissão de detetive, como também suas habilidades no processo de investigação e seu papel como mulher na sociedade.

Brooke surge em um momento em que os romances policiais estavam sendo protagonizados, quase que unicamente, por homens detetives, como por exemplo, o detetive Sherlock Holmes (1887), de Arthur Conan Doyle, e seu antecessor - Sir Auguste Dupin (1841), de Edgar Allan Poe. No entanto, se formos pensar em detetives femininas nesse período, quantas conhecemos ou podemos citar? Ou alguma que tenha ficado famosa tanto quanto Sherlock Holmes?

É por essa razão que nos questionamos a respeito da falta de visibilidade e de popularidade de detetives femininas nesse período, pois, de fato, elas existiram, como é o caso de Loveday Brooke: “embora uma série de histórias de autoria de mulheres com detetives tenham aparecido quase ao mesmo tempo de Holmes de Doyle, nenhuma alcançou a popularidade de Holmes, o que pode ser interpretado como um testemunho do domínio da ideologia burguesa” (REDDY, 2003, p. 192 – tradução nossa)¹.

Isso nos faz pressupor que, o extremo regime social e moral da época (Era vitoriana) contribuiu para a falta de conhecimento do público leitor em relação às narrativas com mulheres detetives, uma vez que, nesse período o papel da mulher na sociedade era direcionado aos deveres de casa e do casamento. Supõe-se que essa problemática pode estar relacionada ao contexto sociocultural da época, e que a representação de uma personagem feminina como detetive é uma quebra de

¹ Although a number of woman authored stories featuring female detectives appeared at roughly the same time as Doyle's Holmes stories, none attained the popularity of Holmes, which may be interpreted as testimony to the dominance of bourgeois, patriarchal ideology.

padrão e uma forma transgressora no papel social da Era vitoriana, já que “as mulheres ainda são apresentadas como morais, frágeis, dóceis, emotivas, amantes da paz, da estabilidade e da comodidade do lar, incapazes de tomar decisões, desprovidas da capacidade de abstração, intuitivas, crédulas, sensíveis, ternas e pudicas” (TEDESCHI, 2016, p. 156).

É nesse sentido que Loveday Brooke ficou conhecida como a primeira detetive criada por uma mulher em um período pouco favorável - tanto para escritoras quanto para personagens femininas. Por isso, ela é uma referência para discutir as questões de gênero na literatura policial. Desse modo, ela não é apenas uma mulher desvendando crimes, mas uma mulher tentando conquistar seu espaço e sua autonomia na sociedade.

Com esse estudo, propomos fazer uma leitura crítica da personagem nos contos mencionados acima, tomando como base alguns teóricos como Michael Sims (2011), Losandro Tedeschi (2016), Maureen Reddy (2003), Virgínia Woolf (2012) entre outros, que discutem sobre os estudos de literatura feminina, sobre o papel da mulher na Era vitoriana e sobre as implicações do gênero feminino nesse contexto. Assim, podemos perceber que a representação de uma detetive feminina foi uma quebra de padrão para sociedade vitoriana, uma vez que o comportamento da mulher detetive rompia com o “ideal” do feminino.

Portanto, esta pesquisa contribuirá para os estudos de Literatura Inglesa com foco em Literatura de detetive e Literatura feminina, enfatizando as questões culturais e sociais da Era Vitoriana e a influência que isso teve para a construção de personagens femininas, tendo como objetivo resgatar a figura feminina nas narrativas policiais através de uma análise da personagem Loveday Brooke, tendo em vista o pouco conhecimento do gênero feminino nessas narrativas do século XIX. Além disso, escolhemos essa temática no intuito de dar visibilidade às mulheres detetives que - por razões socioculturais do período vitoriano - foram apagadas e esquecidas da literatura policial.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A história de detetive: De Poe a Sherlock Holmes (1835-1900)

Discutir a respeito da história de detetive ou do surgimento da narrativa policial é falar primeiramente sobre o pioneiro na escrita desse gênero, o autor estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849). Isso porque, embora algumas narrativas anteriores às de Poe apresentem traços ou características de uma história de detetive, foi com esse autor que a narrativa de enigma, de suspense ou mistério criou forma. Por esse motivo, o escritor norte-americano ficou conhecido como o criador do gênero de narrativa policial, através da publicação de uma trilogia de contos: “Os assassinatos da rua Morgue” (1841), “O mistério de Marie Rogêt” (1842) e “A carta roubada” (1845). Nesses contos, Poe apresenta o primeiro detetive fictício da história - C. Auguste Dupin, que desvenda os mistérios por meio dos métodos de dedução e raciocínio lógico.

O romance policial, assim como qualquer outro gênero, tem suas especificidades e características próprias que o faz ser considerado uma história detetivesca. Entretanto, antes de adentrarmos a esse ponto, vamos ressaltar alguns acontecimentos e mudanças históricas na sociedade inglesa do século XIX que foram determinantes para a construção do gênero.

Segundo Sandra Lúcia Reimão (1983), alguns fatores da época foram significativos para a construção do gênero e um deles foi a Revolução Industrial que ocasionou o crescimento das grandes cidades e da população, tornando-se um cenário perfeito para o acontecimento de crimes, roubos e assassinatos: “Logo as primeiras narrativas policiais localizarão o crime no lugar onde ele aparecerá mais frequentemente: a cidade. As fachadas, as multidões humanas, os labirintos de ruas serão, quase sempre, personagens mudos constantes nas narrativas policiais” (REIMÃO, 1983, p. 10). Com o crescimento da população, crimes bárbaros começaram a aparecer, sendo um dos pontos principais para a inspiração da escrita de narrativas policiais.

Com essas mudanças, fez-se necessário a origem da polícia como alternativa para organizar a sociedade e uma forma de punir os criminosos. No entanto, com o tempo, a polícia, por vezes, não conseguia esclarecer alguns crimes aparentemente

sem soluções. É nesse momento que surge a peça principal da narrativa policial - o detetive. Nas palavras de Reimão “É interessante notar que no plano da criação literária todos os primeiros grandes detetives serão não-policiais, serão investigadores que não pertencem à polícia enquanto instituição” (REIMÃO, 1983, p. 12). O detetive não trabalhava para a polícia, pelo contrário, trabalhava individualmente, como o próprio Auguste Dupin, de Edgar Allan Poe.

Outro acontecimento importante nesse período foi a ideia do Positivismo, movimento filosófico criado por Auguste Comte que acreditava que tudo era regido por leis e a ciência era a única forma do homem chegar ao conhecimento. Nesse sentido, acreditamos que esse pensamento dialoga com dois métodos utilizados pelo detetive: raciocínio e lógica.

Sendo assim, o detetive passa a ser o herói da narrativa, a peça chave da história, pois:

Em meio à tanta criminalidade, a credibilidade no sistema policial é abalada devido à incompetência e à corrupção do mesmo. E nesse contexto surge o investigador particular (detetive ou policial) que é o herói da narrativa policial. Através de seu espírito de renúncia e de sua extraordinária inteligência, tal herói é capaz de desvendar os mistérios mais indecifráveis, obtendo provas para o inocente e identificando o real culpado (CARVALHO, 2011, p. 5).

É por isso que o detetive, sendo totalmente desvinculado da polícia, passa a ser uma alternativa para a resolução dos enigmas nas narrativas desse gênero.

Entretanto, outras particularidades são importantes para o desenrolar da narrativa, que inclusive foram utilizadas por Poe como uma estrutura básica do gênero:

O tipo mais divulgado de narrativa policial, é a narrativa policial de detetive ou romance de enigma. A denominação romance de enigma nos parece perfeita, pois, de fato, esse gênero de policial parte sempre de um enigma. Sua gênese, seu ponto de partida é sempre uma dada situação de enigma. O enigma atua, então, como desencadeante da narrativa, e a busca de sua solução, a elucidação, o explicar o enigma, o transformar o enigma em um não-enigma é o motor que impulsiona e mantém a narrativa; quando se esclarece o enigma, se encerra a narrativa (REIMÃO, 1983, p. 8).

Isto quer dizer que há duas histórias que se entrelaçam na narrativa: A primeira história, a do enigma (roubo, assassinato, por exemplo) e a segunda história (o inquérito, a descoberta). Uma dada situação anterior acontece (o enigma), para que a próxima seja verificada e solucionada (a investigação/a presença do detetive).

Complementando o pensamento de Reimão, no livro “As estruturas narrativas”, de Tzvetan Todorov (2003), é dedicado um capítulo onde o autor norteia os principais pontos que compõem o romance policial, tomando como ponto de partida o mais clássico deles, que é o “romance de enigma”. Para Todorov, “esse romance não contém uma, mas duas histórias: a história do crime e a história do inquérito” (TODOROV, 2003, p. 94). Isso confirma o que foi apontado anteriormente, o crime é a história que aconteceu no passado, enquanto o inquérito é a história que vem depois, que é o momento mais culminante que prende o leitor à narrativa, pois é na segunda história que ocorre a solução do enigma e a punição do culpado.

Consequentemente, a estrutura do romance policial de Edgar Allan Poe foi influência para o surgimento de outras narrativas que vieram posteriormente, como, por exemplo, Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle, que teve sua primeira aparição em 1887 no conto “Um estudo em vermelho”, tornando-se o detetive mais famoso da história. Holmes, assim como Dupin, tinha um poder de dedução aguçado e percebia detalhes que, para outros, passavam despercebidos. Além disso, uma das semelhanças na narrativa de Poe e Doyle é a presença de um narrador que conta as histórias do detetive, como o Dr. Watson - narrador e personagem em Sherlock Holmes. A presença de um narrador em terceira pessoa é importante nas histórias de detetive, tendo em vista que:

O detetive desse tipo de romance é, via de regra, uma “mente dedutiva”, “uma máquina de pensar”, que, através de vestígios, pistas, indícios, consegue reconstruir uma história, um fato passado, e assim descobrir o (s) culpado (s). Se a narrativa fosse elaborada por essa “mente dedutiva”, o leitor estaria sempre passo a passo com o detetive (o que contraria a própria concepção de leitor, nesse tipo de narrativa). Assim, uma das características fundamentais do romance enigma – a revelação final e a consequente reconstrução da trama – perderia seu sentido. Além de, é claro, esses personagens auxiliares intensificarem o halo de admiração que rodeia o detetive (REIMÃO, 1983, p. 31).

A história é contada a partir da perspectiva de outra pessoa, aproximando o leitor do detetive e também dando oportunidade para o leitor desvendar o enigma da história. Além disso, o narrador é o responsável por divulgar o trabalho do detetive - a forma precisa de conseguir achar um culpado.

O desvendar de um mistério, a sensação de resolver um quebra-cabeça até chegar a um culpado, do suspense que envolve a trama, fizeram com que o romance policial fosse tão procurado e aclamado pelo público. Colocar o leitor frente

a frente com as ações do detetive fez esse gênero ser tão consumido até a contemporaneidade, com vários outros autores que sucederam Edgar Allan Poe, como Arthur Conan Doyle e Agatha Christie.

2.2 A literatura feminina no contexto vitoriano

A Era vitoriana foi o período de ascensão da Rainha Victoria que governou a Inglaterra durante os anos de 1837 a 1901. Esse período foi marcado por grandes transformações na sociedade, especialmente para mulheres. De acordo com Luciana Wolff Apolloni Santana e Elaine Cristina Senko (2016):

A Era Vitoriana foi, antes de tudo, um período de enormes contradições. Ao lado dos grandes progressos técnicos e industriais, assiste-se a um triste espetáculo de doenças, violência e morte. Foi também um período quando se exerceu um forte controle sobre o comportamento sexual de homens e mulheres, especialmente sobre as mulheres. Apesar de a monarca representar a ideia de uma mulher chefe de Estado, os papéis sexuais eram rigidamente definidos. A mulher deveria reinar no lar e nele somente (p. 191).

Historicamente, a mulher - tanto no contexto social, político e cultural – foi frequentemente fadada à inferioridade se comparada ao homem. Dado isso, a sociedade conservadora e moralista, regida pelas ideologias patriarcais, limitava as mulheres aos cuidados da casa e do esposo. Sua função era casar e ter filhos. Principalmente no período vitoriano, era comum a representação da mulher como “dona de casa” ou “cuidadora do lar”, considerando que homem era quem detinha o poder maior conforme a dominação do patriarcado. Na visão de Santana:

[a] incompatibilidade entre os sexos resultou em uma organização binária pautada em uma relação de poder pertencente ao viril, sendo que a mulher, dentro desse campo simbólico, ocupava o lugar de “subalterna”, “frágil” e “dominada”, sendo, portanto, a “rainha do lar”, título dado pelo patriarcado para legitimar as tarefas domésticas como função eminentemente feminina, restando, portanto, ao “sexo forte” ser o dominador do espaço público (SANTANA, 2016, p. 5).

Com isso, havia pouco espaço para uma mulher crescer intelectual e profissionalmente em um contexto que a destinava às paredes do lar e aos serviços domésticos.

Sendo assim, poderia uma mulher escrever e ter uma carreira literária? Havia espaço para ela na literatura, ainda mais no período quase exclusivamente dominado por escritores como Arthur Conan Doyle? Losandro Antonio Tedeschi (2016) afirma que, na literatura, assim como em qualquer outro espaço que procurassem se destacar, a mulher estava destinada ao anonimato. Nas palavras do autor “As mulheres como seres do silêncio por sua própria natureza ou destinadas, na divisão do trabalho, às tarefas do corpo, da procriação, da casa e do privado” (TEDESCHI, 2016, p. 154). Ou seja, escrever não foi uma tarefa fácil para elas e por que seria?

Ainda na visão de Tedeschi, o espaço para as mulheres na literatura foi “por baixo dos panos”, principalmente no período em questão, levando em consideração a sociedade moralidade e conservadora da Inglaterra:

Na história da literatura de autoria feminina, o desenvolvimento da prática de escrita dos mais diferentes gêneros textuais, literários e historiográficos pode ser visto como algo que ocorreu marcado pela necessidade das mulheres de se inscreverem no mundo masculino das letras e pelo risco iminente de serem apagadas dele. Inscrever-se e poder ser apagada foi o dilema que atormentou muitas das mulheres que se aventuraram a escrever (TEDESCHI, 2016, p. 157).

Muitos dos escritos femininos só chegaram a ser publicados através de pseudônimos para evitar associação de gênero e, ainda assim, muitos deles foram esquecidos e apagados da história. Um exemplo disso foram as irmãs Brontë - Charlotte, Emily e Anne - escritoras do século XIX que usaram essa estratégia para publicar suas obras através de pseudônimos masculinos (Currer, Ellis e Acton Bell).

Virginia Woolf, escritora inglesa muito conhecida por abordar questões políticas, sociais e também femininas, em um discurso feito para a *National Society for Women's Service* a respeito de suas experiências profissionais, afirma que as mulheres, sejam elas escritoras ou desempenhando qualquer outra função, tiveram que percorrer um caminho árduo para se destacar ou ter reconhecimento, especialmente na literatura. Segundo Woolf (2012): “É verdade que sou mulher; É verdade que sou empregada; Mas que experiências profissionais eu tive? É difícil dizer. Minha profissão é a literatura, e nessa profissão há menos experiências de mulheres do que em qualquer outra (...)” (p. 41). Ela defendia que o silenciamento feminino percorreu por muitos anos a história das mulheres e só seria possível saber

o que é ser uma mulher quando todas elas tivessem a oportunidade de se expressar em todas as áreas do conhecimento, das artes e da literatura.

Esses questionamentos a respeito do papel da mulher na sociedade comprovam que, no decorrer de toda a história da humanidade, todas elas em algum momento tiveram que sacrificar alguma coisa, 'matar algum fantasma' que a rodeia para impor suas opiniões:

Aparentemente, o que é mais simples que escrever um livro? Aparentemente, que obstáculos existem mais para uma mulher do que para um homem? (...) Na verdade, creio que ainda passará um longo tempo antes que uma mulher possa sentar para escrever um livro sem encontrar um fantasma para ser assassinado, uma rocha para ser golpeada. E se é assim em literatura, como será nas novas profissões em que vocês estão ingressando agora pela primeira vez? (WOOLF, 2012, p. 49).

O fantasma de uma sociedade patriarcal que privilegia um gênero (o masculino) enquanto restringe, silencia e oculta o outro (o feminino). Um fantasma que persegue especialmente aquelas que não se contentaram com as únicas funções que lhes acharam apropriada: o matrimônio e a maternidade.

Desse modo, compreende-se a dificuldade de ascensão das mulheres na literatura bem como em qualquer outra área, visto que, a sociedade tentava de alguma forma, delinear seus caminhos para o espaço familiar. Porém, mesmo diante desse cenário, surgiram mulheres como Catherine Pirkis que desafiaram as convenções da época e entregaram seus escritos para o mundo.

2.3 A literatura de detetive feminina: Catherine Pirkis

Retomando o que foi abordado no tópico anterior com relação ao papel da mulher na sociedade e na literatura do século XIX, vamos abordar especificamente esses pontos na literatura de detetive através da escritora Catherine Pirkis.

Catherine Louisa Pirkis (1839-1910) foi uma escritora britânica de ficção policial do século XIX. Apesar de outras mulheres escreverem sobre histórias de detetive neste período, Pirkis se diferenciou ao colocar uma personagem feminina como protagonista dos seus contos - a detetive Loveday Brook (1894) - em um momento em que as narrativas eram majoritariamente protagonizadas por

personagens e detetives masculinos, desde o pai da narrativa policial, Edgar Allan Poe, até o mais famoso de todos, Sherlock Holmes, de Arthur Conan Doyle. A partir da escrita de Pirkis, temos, portanto, uma mulher escrevendo sobre outra mulher, em um espaço onde quase que unanimemente os homens eram os dominantes da narrativa policial.

Assim, a personagem detetive Loveday Brooke surge em um período da História da Inglaterra onde o espaço dado às mulheres na sociedade era geralmente direcionado para os deveres do lar e do casamento. A sociedade era movida pelo conservadorismo e moralismo, sobretudo para o gênero feminino, sobre quem se ditavam regras e condutas com o objetivo de impor às mulheres as tarefas domésticas e a prosperidade do lar. A Mulher passava a ser dependente do marido, com poucas possibilidades de exercer profissões fora de casa:

A sociedade vitoriana do século XIX era dividida em duas esferas, a masculina e a feminina, cabendo às mulheres o papel de serem mães exemplares e esposas fiéis e aos maridos o trabalho fora do lar. O perfil de mulher delineado nesta época tinha todo o apoio da rainha Vitória, que “atribuía o sucesso do seu reinado à moralidade da corte e à harmonia da vida doméstica” (GARMUS, 2016, p. 19)

Nesse contexto, dificultava-se a mulher exercer uma função para além das paredes domésticas, ou seja, nada que lhe proporcionasse independência e crescimento profissional, visto que essa função era destinada para os homens.

As mulheres escritoras de ficção policial, apesar de terem tido seus trabalhos publicados (quando era possível), não tiveram a mesma visibilidade de personagens masculinos, o que reafirma o poder do patriarcado e dos costumes conservadores da Era vitoriana sobre elas. É nesse sentido que Catherine Pirkis consegue - através da sua detetive Loveday Brooke, subverter o papel da mulher, colocando-a numa posição que confronta os princípios da Era vitoriana.

Diante disso, ascender como escritora nesse momento e ainda escolher uma detetive feminina como protagonista das suas narrativas (a detetive Loveday Brooke), demonstra uma transgressão para as convenções do período vitoriano, sobretudo porque coloca a mulher em posição de destaque e ainda, exercendo uma profissão que era desempenhada geralmente por homens nas narrativas anteriores, como é o caso do detetive Auguste Dupin (1841), de Edgar Allan Poe e do famoso detetive Sherlock Holmes (1887) de Arthur Conan Doyle.

Michael Sims (2011) dialoga com o mesmo argumento ao afirmar que muitas escritoras foram apagadas da literatura de detetive, inclusive Catherine Pirkis. Para o autor, Pirkis atinge um marco muito importante para a história de detetive trazendo originalidade e se destacando enquanto escritora nesse período:

A astuta e corajosa Loveday Brooke parece ter sido a primeira detetive criada por uma autora mulher. Por esta e outras razões, a personagem de Catherine Louisa Pirkis se destaca entre as personagens desta antologia. “Emergindo em um momento histórico quando os entendimentos sobre as mulheres, a criminalidade e a aplicação da lei estava mudando rapidamente na Grã-Bretanha”, escreve a acadêmica Elizabeth Carolyn Miller, “as histórias de Pirkis oferecem uma interpretação dessas mudanças culturais que se cruzam que é surpreendentemente diferente da contemporaneidade dela.”² (SIMS, 2011, p. 60).

Criar uma detetive feminina é colocar a mulher como protagonista em um cenário onde raramente isso não aconteceria, e ainda em uma profissão geralmente exercida por homens, Pirkis, tanto como escritora quanto como criadora de uma personagem feminina, revoluciona o direito da mulher no espaço literário.

É por essa razão que a autora proporciona um avanço para a literatura policial da época ao criar uma personagem feminina num espaço dominado por homens, pois:

Com a criação desta personagem, Catherine Louisa Pirkis, também conhecida como C. L. Pirkis, acabou criando uma das personagens mais transgressoras do gênero, contribuindo para uma representação mais progressista das mulheres dentro da literatura na ficção popular, pois por mais que as personagens criadas anteriormente já fossem criaturas peculiares na sua época, Loveday Brooke transgride ainda mais essas regras (PIRKIS, 2021, p. 192).

Pirkis foi, portanto, responsável por criar uma personagem muito à frente do seu tempo, com características e decisões que confrontaram com as convenções sociais do período vitoriano, servindo para mostrar as implicações e desafios do gênero feminino nesse cenário.

² The astute and courageous Loveday Brooke seems to have been the first female detective created by a female author. For this and other reasons, Catherine Louisa Pirkis’s character stands out among the characters in this anthology. “Emerging at a historical moment when understandings of women, criminality, and law enforcement were rapidly changing in Britain,” writes scholar Elizabeth Carolyn Miller, “Pirkis’s stories offer an interpretation of these intersecting cultural shifts that is surprisingly different from that of her contemporaries.

3 LOVEDAY BROOKE E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER-DETECTIVE

3.1 Breves considerações sobre o gênero literário conto

Desde o início da humanidade, o homem sente a necessidade de contar coisas, contar histórias e passá-las adiante. Assim, explicar o que seria “conto” em sua forma mais geral seria “o ato de contar histórias, de contar um fato”. De acordo com Nádya Battella Gotlib, “o contar (do latim *computare*) uma estória, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as estórias, por escrito” (GOTLIB, 2006, p. 8). Dessa forma, o conto que conhecemos atualmente iniciou-se primeiramente através da oralidade.

Entretanto, para Gotlib, o conto não tem a obrigação de narrar o que é verdadeiro (se aconteceu de fato ou não aquela história). “Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl Castagnino” (GOTLIB, 2006, p. 7). Ou seja, o ato de contar está correlacionado entre a realidade e a ficção (o que foi inventado ou aumentado), pois “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

Tomando como base o pensamento do autor Edgar Allan Poe a respeito do processo de escrita e construção de um conto, Gotlib sintetiza que a principal função do conto - falando em termos literários - é o efeito que a narrativa traz para o leitor. O autor deposita seu foco no ato da escrita do conto no efeito que aquela história irá causar:

Dentre os inúmeros efeitos ou impressões a que o coração, o intelecto ou (mais geralmente) a alma é suscetível, qual deles, neste momento, escolherei?”. O que pretende o autor? aterrorizar? encantar? enganar? Já havendo selecionado um efeito, que deve ser tanto original quanto vívido, passa a considerar a melhor forma de elaborar tal efeito, seja através do incidente ou do tom: “se por incidentes comuns e um tom peculiar, ou o contrário, ou por peculiaridade tanto de incidentes quanto de tom”. E em seguida busca combinações adequadas de acontecimentos ou de tom, visando a “construção do efeito” (GOTLIB, 2006, p. 14).

Desse modo, o autor primeiro decide qual o efeito quer causar no leitor para, em seguida, empregar e determinar a forma como irá chegar a esse efeito através da escrita. O impacto que a narrativa vai causar no leitor é o ponto principal no ato da escrita de um conto.

Charles Kiefer (2011) ao discorrer a respeito do que Poe considera sobre conto afirma que:

No conto breve, no entanto, o autor pode levar a cabo a totalidade de sua intenção, seja qual for. Durante a hora de leitura, a alma do leitor está sob o controle do escritor". Poe imagina a criação de um conto por um artista literário habilidoso. Não se deve – preceitua ele – amoldar as ideias para acomodar os incidentes, mas, depois de ter concebido um “efeito único e singular”, criar os incidentes. Além disso, deve-se combinar tais incidentes de forma a melhor estabelecer o efeito pré-concebido. Nesse aspecto, tudo, no texto, é absolutamente importante. Ou, como ele afirma, “se a primeira frase não se direciona ao resultado deste efeito, ele já fracassou em seu primeiro passo” (KIEFER, 2011, p. 15).

É por isso que, ao abordar sobre o processo de escrita de um conto, Poe defende a ideia dos contos serem “curtos” que possam ser lidos em uma sentada, em poucas horas, para que esse efeito seja preservado e alcançado. Ele parte da ideia de que, essa forma de escrever o conto mantém o leitor preso à narrativa. Além disso, tudo que está no texto, desde o seu começo até o seu fim, precisam estar direcionados a esse efeito. Esse é um dos pontos que diferencia o conto de um romance, por exemplo, tanto em questões de tamanho como de características próprias de qualquer gênero literário.

O pensamento de Carlos Reis (1992) também corrobora para essa discussão:

Qualquer que seja a forma escolhida, seja optando por um único caminho — e assassinando as margens do possível —, seja fazendo uso do computador e dando um pouquinho de trabalho braçal ao leitor, seja edificando, como o personagem de Borges (ou o próprio Borges) "um jardim de caminhos que se bifurcam", o certo é que o Homem procura sempre (e, ao que tudo indica, continuará procurando) dar expressão à necessidade íntima de contar ou de contar-se. Mudam-se as maneiras do contar, alteram-se as funções do contar, inventam-se novas formas do contar, mas persiste, irrevogável, o fascínio de CONTAR. E tudo isso é, ou não é, CONTO? (REIS, 1992, p. 57).

Sendo assim, cada autor entende e determina da sua maneira o que é conto ou o que deixa de ser, pois embora haja variações no ato de escrever contos - que se modificam conforme os anos - a essência principal do conto é o ato de ‘contar’, seja de forma real ou fictícia (assim como também ocorre em um romance, um filme, uma novela ou uma peça).

3.2 A maleta deixada na soleira: questionando as habilidades femininas de resolver crimes

No primeiro conto da autora que analisamos, “A maleta deixada na soleira”, a detetive é procurada pelo chefe do departamento policial em que ela trabalha para solucionar um caso de roubo de várias joias de uma família muito rica que eram guardadas dentro de um cofre e que sumiram misteriosamente. Nem as autoridades da Scotland conseguiram juntar as peças do roubo, pois o caso fica ainda mais intrigante quando uma bolsa preta é deixada na porta de uma casa de uma senhora sem precedentes e em como essa pista poderia estar associada ou não ao roubo das joias. Brooke sempre era procurada nestas ocasiões em que outros tentaram resolver o crime, porém, as pistas lhe pareciam improváveis, mas nunca para ela.

Observamos, ao longo do processo de investigação da detetive, a forma como ela trabalha e o reconhecimento que, aos poucos, ela começa a ter, especialmente porque a todo momento ela se vê rodeada por parcerias masculinas, incluindo seu chefe da agência policial (Sr. Ebenezer Dyer), fazendo com que sua posição enquanto “mulher e detetive” seja questionada em alguns momentos, trazendo algumas inquietações no que refere à escolha de sua profissão e sua capacidade na investigação dos crimes. Temos uma mulher que escolheu uma profissão rodeada de figuras masculinas e ainda lutando pelo seu espaço enquanto investigadora:

Loveday Brooke, a esse ponto da sua carreira, tinha um pouco mais de trinta anos, e poderia ser melhor descrita por uma série de negações: Ela não era alta, mas não era baixa; Ela não era cruel, nem era justa; não era bonita e nem feia também. Suas características eram, de modo geral, indefiníveis; Seu único traço notável era um hábito que tinha, quando absorta em pensamentos, de apertar suas pálpebras sobre os olhos até aparecer só uma linha e ela parecia olhar para o mundo através de uma fenda em vez de uma janela (PIRKIS, 2021, p. 7).

Nesse trecho, podemos observar que a posição da personagem enquanto detetive na sociedade foi questionável: Em primeiro lugar, Brooke tinha mais de trinta anos e, com essa idade, era de se esperar que ela estivesse casada e com filhos, levando em consideração o conservadorismo da época e a necessidade de um casamento. Porém, percebe-se que a detetive não mostra interesse para tal feito: “Ao contrário de muitas outras detetives que brevemente apareceram na imprensa na década de 1890, e cujas aventuras de detetive em geral terminou com

o casamento da protagonista, Loveday evita o romance e se mantém trabalhando”³(REDDY, 2003, p. 192 – tradução nossa).

Notoriamente, houve uma quebra das regras sociais imposto às mulheres nesse período: Brooke mostra-se muito dedicada na sua profissão como detetive, que, conseqüentemente, a mantém trabalhando fora de casa (nos locais dos crimes, nas ruas), proporcionando para ela autonomia e independência financeira, desvinculando-a do que seria o “ideal feminino” para a sociedade.

Em segundo lugar, Brooke não parecia estar preocupada pela escolha de sua profissão, embora essa escolha tenha “desafiado as convenções” da época, tendo em vista que, geralmente, a figura masculina era mais comum nessa profissão. Por isso, era de se esperar certos julgamentos sobre sua capacidade de investigação dos crimes e porventura, comparações do seu trabalho com os dos detetives “masculinos”, quando novamente ela se depara com questionamentos sobre suas habilidades investigativas no exercício de sua profissão:

Loveday gastou cerca de cinco minutos na frente desse cofre. Toda a sua atenção estava concentrada sobre a grande e atrevida escrita. Ela pegou de sua caderneta uma tira de papel vegetal e comparou a escrita nele, letra por letra, com a que se encontrava sobre a porta do cofre. Feito isso, ela se virou para a Sra. Williams e disse que estava pronta para segui-la ao cômodo abaixo. A Sra. Williams parecia surpresa. Sua opinião sobre as competências profissionais de Srta. Brooke havia sofrido uma queda considerável.

- “Os detetives homens”, disse ela, “ficaram mais de uma hora nesse cômodo; eles andaram de um lado para o outro, mediram as velas, eles...” - “Sra. Williams”, interrompeu Loveday, “estou perfeitamente pronta para olhar o cômodo de baixo”. Seus modos se alteraram de um fuxico amigável para o de mulher de negócios que trabalha rigorosamente em sua profissão (PIRKIS, 2021, p. 18).

Analisando o diálogo entre a detetive e a Sra. Williams, que era um tipo de governanta da casa em que o roubo das joias ocorreu, percebemos que, além dela se questionar se Brooke era realmente boa no seu trabalho, devido a rapidez em que observou o quarto, ela ainda deixa evidente a ironia de que outros detetives “homens” já haviam passado por ali, comprovando que a figura masculina nestes casos era mais comum, e que o seu trabalho poderia ser considerado melhor e mais detalhado que o de Brooke, já que o tempo em que examinaram o local do acontecimento fora bem maior.

³ “Unlike the many other female detectives who briefly appeared in print in the 1890s, and whose detective adventures generally ended with the protagonist’s marriage, Loveday avoids romance and keeps working”.

No entanto, na maior parte do tempo em que os detetives se mantiveram no local, seus olhares estavam focados para coisas supérfluas e sem valor (como velas), enquanto que Brooke era específica e direta em sua observação (observou diretamente e com precisão o cofre e a escrita), mostrando para a Srta. Williams que seu trabalho era sério e que ela não estava ali para fofocas ou distrações. Por isso, embora a detetive tenha sido comparada com os trabalhos dos detetives anteriores, ela se mantém firme e determinada no que está fazendo, priorizando a sua forma de investigação e a sua dedicação ao trabalho.

Outro personagem da narrativa que deixa evidente que a capacidade de investigação da detetive é questionável, especialmente por ela ser mulher, é o Sr. Ebenezer Dyer - dono da agência policial em que ela trabalha:

Ebenezer Dyer não era, geralmente, dado ao entusiasmo; mas ele poderia eventualmente ser eloquente sobre as qualificações de Srta. Brooke para a profissão que ela havia escolhido. “Você diria que é muito para uma dama?”, diria ele para qualquer um que por acaso questionasse aquelas qualificações. “Eu não dou a mínima se ela é ou não uma dama. Apenas sei que ela é a mais sensível e prática mulher que já conheci (PIRKIS, 2021, p. 8).

Para Dyer, não importava o fato de trabalhar com uma dama ou um cavalheiro, o que de fato ele apreciava era o excelente trabalho da Srta. Brooke, independente dela ser uma mulher. Dyer tinha consciência que possíveis questionamentos sobre o caráter profissional da detetive surgiriam quando diz “Muito de uma dama, você acha?”, expressando que ela poderia ser julgada ou colocada em uma posição duvidosa, pois, na maioria das vezes, a mulher era classificada como inferior aos homens. No entanto, ele admirava e acreditava em seu trabalho como é possível de se observar no excerto a seguir:

O Sr. Dyer deu um longo suspiro. Em seu coração havia uma admiração absoluta pelas habilidades de sua colega, que pareceram para ele cair como uma pequena fonte de inspiração. Pouco a pouco, sem dúvida, ele poderia tecer elogios sobre ela para a primeira pessoa que viesse com o coração cheio de boa vontade; No entanto, ele não tinha a mínima intenção de tecê-los aos ouvidos dela – excessos de elogios são capazes de gerar um mau efeito numa profissional em ascensão (PIRKIS, 2021, p. 29).

Observamos que as habilidades da detetive passam a ser reconhecidas por Dyer. Assim, ao final da resolução do crime, Loveday Brooke começa a conseguir seu espaço em meio a outros detetives e em meio às possíveis negações a seu respeito como aconteceu com a srta. Williams, por exemplo. A forma como ela consegue perceber e ligar uma pista a outra minuciosamente, faz ela ocupar um espaço de reconhecimento e autonomia na sua profissão em meios a julgamentos, e ainda, em um território cercado por figuras masculinas.

Com isso, percebemos ao longo das investigações, a construção de autonomia e crescimento da personagem, além da forma como ela é vista pelos demais personagens da narrativa. Esse processo de evolução da detetive se torna bastante evidente no próximo conto analisado, "A Irmandade de Redhill".

3.3 A Irmandade de Redhill: o início de uma autonomia para Loveday Brooke

Durante esse conto a autora coloca a personagem como protagonista em um território cercado por figuras masculinas que a antecederam. Entretanto, quando paramos para analisar ou procurar por alguma personagem feminina nessa categoria, quantas podemos citar nesse período? Ou mesmo, nos questionar se, de fato, existiram personagens femininas como detetives.

Levando em consideração o sistema patriarcal enraizado na sociedade vitoriana, o perfil da mulher era pré-estabelecido ou pré-determinado e isso pode ser considerado uma das implicações na falta de conhecimento que se tem à respeito de detetives femininas:

A representação da mulher sempre esteve presa ao longo dos séculos às amarras de um sistema patriarcal que a mantinha, e sob muitos aspectos ainda mantém, constantemente sob severa rigidez e restrição de movimentos. A mulher que desejasse se libertar dessa prisão, via-se excluída e se tornava um exemplo causador de medo em outras mulheres que desejassem fazer o mesmo. É o único dos sexos que sempre esteve vetado ao espaço familiar do lar, um espaço restrito onde era permitido somente que ela exercesse toda a sua capacidade em obedecer e servir às necessidades de todos que por ali passassem (KURTZ, 2020, p. 4).

Por isso, apresentar uma detetive feminina nesse contexto pode ser considerado um marco importante para a autora já que, o espaço dado às mulheres era amplamente restrito e vetado para o lar e a família, e o perfil de uma mulher como detetive quebrava com esse “ideal do feminino”.

Neste conto, Loveday Brooke é colocada para observar e investigar um grupo de irmãs religiosas na cidade de Redhill, que estão sob suspeita de serem criminosas. Nesse caso, percebe-se - embora indiretamente - uma crítica ao catolicismo, ao ser colocado freiras (que é uma figura importante da igreja) como criminosas, uma vez que, grande parte dos vitorianos eram Anglicanos. E, ainda, o fato de as histórias de detetive terem começado a surgir com o crescimento da população e da área urbana na metade do século XIX, que propiciou o aumento dos crimes, da pobreza, prostituição e violência, tanto em Paris (onde temos Aguste Dupin) quanto em Londres (com Sherlock Holmes).

Durante essa investigação, Brooke trabalha diretamente com o inspetor Gunning. Entretanto, observamos ao longo da narrativa que ela está cada vez mais tomando autonomia no seu trabalho e tendo espaço para ser ouvida embora todas as ordens vinham de figuras masculinas. A detetive passa a se tornar o oposto do que se espera de uma mulher e, principalmente, de uma mulher vitoriana, pois, além de trabalhar fora de casa, ela ainda se vê cercada por homens e, ainda, trabalhando sozinha entre eles, recebendo ordens e, por vezes, sendo subjugada:

“Eles querem você em Redhill, agora”, disse o Sr. Dyer, tirando um pacote de cartas de um dos escaninhos. “A ideia parece ser ganhar terreno nas atividades predominantemente masculinas, uma vez que, em casos de mera suspeita, as detetives mulheres são mais satisfatórias do que os homens, pois são menos passíveis de chamar atenção. E essa questão de Redhill, até onde consigo entender, é apenas uma suspeita (PIRKIS, 2021, p. 60).

Nesse trecho, Dyer mostra o espaço que a detetive está ganhando em meio aos detetives masculinos, uma vez que muito raramente espera-se que uma mulher seja detetive e, por isso, a facilidade em não chamar atenção ou de não levantar suspeitas. Além disso, vemos uma mulher conseguindo alcançar seu próprio espaço enquanto detetive, mesmo sendo comparada constantemente a seus parceiros masculinos, e estando contexto no qual a violência e crimes nas cidades começaram a aumentar e a presença de um detetive não era, de certa forma, visto como algo positivo, por isso a necessidade de não chamar tanta atenção que era o que a detetive conseguia fazer bem.

Ao longo da narrativa, Brooke conquista seu reconhecimento dentro da agência policial e das pessoas que passam a conhecê-la. Sua reputação em desvendar crimes de forma eficaz faz dela a primeira a ser procurada para tais resoluções:

- E suponho que você imaginou que eu seja capaz de fazer com que o juramento da Sra. Copeland não seja cumprido." - "Justamente, Srta. Brooke!" gritou o homem entusiasmado. "Você faz coisas maravilhosas; todo mundo sabe que você faz. Parece até que, quando alguma coisa precisa ser encontrada, você vai até o lugar, olha ao redor e, em um instante, tudo se torna claro como o meio-dia (PIRKIS, 2021, p. 72).

Aqui há um diálogo entre a detetive e um rapaz que, por já conhecer seus trabalhos e sua reputação, a procura para ajudá-lo a encontrar sua amada que estava desaparecida, onde a detetive faz a ligação desse fato com a Irmandade.

Nesse momento, podemos considerar um marco positivo para ela tanto como mulher quanto como detetive: ser reconhecida e elogiada pela sua profissão em meio a comparações e sub julgamentos.

Outro ponto importante a ser colocado a respeito de Loveday Brooke é a forma como a detetive se posiciona em relação a seus colegas de trabalho durante a investigação dos crimes. Brooke é a única mulher da agência e, mesmo recebendo ordens dos homens em sua volta, seu posicionamento é firme para com eles. Ela se contrapõe às suas exigências ou pensamentos em vários momentos e se impõe mediante seus colegas. Ao término das investigações, a detetive por vezes se contradiz com as ideias do seu chefe, quando o mesmo a questiona sobre como ela conseguia chegar ao desfecho do ocorrido:

A senhora se identificou simplesmente como 'Irmã Mônica' e declarou que era membro de uma Irmandade inominável fundada recentemente por uma mulher rica, que desejava manter o nome em segredo. A Irmã Mônica não deu referências, mas, em vez disso, pagou o aluguel do alojamento adiantado, dizendo que desejava se apossar da casa de imediato e abri-la como lar para órfãos aleijados." "Não deu referências... lar para aleijados", murmurou Loveday, rabiscando intensa e rapidamente seu caderno (PIRKIS, 2021, p. 61).

Nesse diálogo entre Sr. Dyer e Brooke, nota-se um tipo de ironia na forma como ela responde o seu chefe, mostrando que ela tem certo poder de fala e autoridade. Dyer sempre pedia para que Loveday o explicasse como ela conseguia chegar a tais soluções de forma tão eficaz. São nesses momentos que a

personagem demonstra ser ouvida e respeitada e se apresenta determinada na forma como conduz as investigações. Ela não somente recebe ordens, mas também possui certa autonomia sobre os seus colegas que aparentemente a escutam. Observamos isso enquanto Loveday está estudando um mapa da cidade que lhe foi dado para entender e buscar pistas de como a Irmandade executa seus trabalhos:

Loveday estudou o mapa por um minuto ou mais, então voltou sua atenção para o índice. - “Essas quatro casas que você marcou, pelo que vejo, são aquelas que já tiveram tentativas. Não acho que eu vá até elas, mas hei de marcá-las como ‘duvidosas’; você entende que a quadrilha – pois, é claro, é uma quadrilha – pode seguir nossa lógica sobre o assunto, e olhar por essas casas como nosso ponto fraco. Essa é uma pela qual vou passar: ‘Casa vazia durante os meses de inverno’, o que significa que a prataria e a joalheira foram entregues aos banqueiros. Ah! E essa aqui pode ser igualmente descartada: ‘Pai e quatro filhos atletas e esportistas’, que significa armas de fogo sempre à mão – não creio que assaltantes venham incomodá-los. Ah! Agora chegamos a alguma coisa! Aqui está uma a ser marcada como ‘tentadora’ em uma lista de assalto. ‘Wooton Hall, ultimamente mudou de dono e foi reconstruída com passagens complicadas e corredores (PIRKIS, 2021, p. 64).

Nessa conversa da detetive e o inspetor que foi mandado para ajudá-la, o inspetor Gunning, percebemos que ela é colocada como pioneira no processo de investigação e resolução dos ocorridos. Vemos que o procedimento da investigação é feito pela detetive. Ela é quem conduz o caso e expõe sua opinião bem como sua forma de trabalhar. Loveday resolve os crimes sempre contrariando os julgamentos dos homens que estão à sua volta.

Diante do que foi apresentado, é notável que, na construção da personagem, a autora, além de colocar Brooke como protagonista, mostra vários momentos em que ela subverte o papel da mulher nesse contexto, desde a escolha de sua profissão até as implicações e julgamentos que a detetive se depara para que possa conseguir reconhecimento do seu trabalho.

Como vimos, ao longo das narrativas, Loveday Brooke vai contra diversas convenções da sua época e do que se espera de uma mulher: Tem mais de trinta anos e não é casada, nem tem filhos. Trabalha para si própria e se mantém focada nisso. Anda sozinha pelas ruas e pelos locais dos crimes. Em seu trabalho, vive cercada por figuras masculinas no seu trabalho e isso não a limita. Ela também consegue ter reconhecimento e visibilidade mesmo sendo comparada aos senhores

detetives. Ou seja, Pirkis consegue inserir na sociedade uma detetive que aparentemente está pouco preocupada com as convenções sociais.

Sob o olhar de uma mulher, temos a primeira detetive feminina do século XIX. Através de Loveday Brooke, Catherine Pirkis consegue criar umas das personagens mais transgressoras do gênero. A autora coloca a detetive em uma posição que a faz ser julgada por uma série de negações, levando em consideração o período sociocultural em que ela foi criada. Nos deparamos com dois momentos de ruptura do que se espera do gênero feminino: Uma mulher escritora criando uma mulher detetive. Duas mulheres buscando espaço e autonomia numa sociedade patriarcal: a real (a escritora) e a fictícia (a detetive).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base os estudos acerca da escrita feminina no século XIX assim como o espaço da mulher nos romances policiais, consideramos relevantes abordar questões socioculturais da primeira detetive feminina da Era vitoriana, com o objetivo de apresentar e dar visibilidade à figura da mulher que, por razões históricas e sociais, por vezes, se tornou esquecida na literatura policial.

Consideramos isso com o apoio dos estudos de alguns autores como Michael Sims, que em sua antologia “O livro do Pinguim das mulheres vitorianas no crime: Policiais esquecidas e detetives particulares da época de Sherlock Holmes”⁴ apresentou uma seleção de mulheres detetives que surgiram no mesmo período do famoso Sherlock Holmes, mas que não tiveram tanta popularidade como ele, incluindo a detetive Loveday Brooke e sua criadora Catherine Pirkis. Também utilizamos as contribuições de Maureen T. Reddy no capítulo “Women detectives” do livro *The cambridge companion to crime fiction*, que aborda a respeito das mulheres detetives que aparecem no século XIX onde também é mencionado a detetive Loveday Brooke, e também, as implicações do desaparecimento dessas mulheres das histórias de ficção de detetive.

⁴ Original: *The penguin book of Victorian woman in crime: Forgotten cops and private eyes from the time of Sherlock Holmes*

Catherine Pirkis foi, nesse sentido, muito relevante para a literatura de detetive do período, pois, ao criar Loveday Brooke, a autora contribuiu para a representação de personagens femininas progressistas, além de confrontar as convenções sociais do período vitoriano. Assim, As aventuras da detetive Loveday Brooke podem ser utilizadas como pauta para os estudos de gênero, a representação do feminino como também o papel da mulher na Era vitoriana.

De um modo geral, este trabalho buscou apresentar para o leitor as implicações que o gênero feminino enfrenta ao longo da história, sobretudo na literatura, nos fazendo perceber que o poder do sistema patriarcal fez algumas histórias de mulheres que passaram pela literatura serem esquecidas ou terem menos reconhecimento que histórias com protagonistas masculinos. Por isso, esse estudo acerca da mulher-detetive contribuirá para a área de literatura feminina, do papel da mulher na sociedade e dos estudos de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Maria de Fátima Vieira de. **Os detetives na literatura de língua anglófona: um estudo comparativo entre Os Crimes da Rua Morgue, de Edgar Allan Poe e Cai o Pano, de Agatha Christie.** 2011. 22f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011.

CHERNAIK, W; SWALES, M; VILAIN, R. **The art of detective fiction.** Palgrave Macmillan, UK (2000).

CLARKE, C. **British Detective Fiction.** Palgrave MacMillan. London, UK: 2020.

COOK, Michael. **Narratives of Enclosure of Detective Fiction.** Palgrave MacMillan. UK: 2011.

GARMUS, Beatriz. **Os reflexos da Era Vitoriana nas personagens femininas da obra: O leque de lady Windermere de Oscar Wilde.** Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Licenciatura em Letras Português-Inglês. Universidade Tecnológica do Paraná. Pato Branco: 2016. (p. 19-24)

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto.** 10ª edição. Série Princípios 2 . São Paulo: Ática, 2006.

KIEFER, Charles. **A poética do conto: De Poe a Borges - um passeio pelo gênero.** São Paulo: Leya, 2011.

MARIA, Luzia de. **O que é conto.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2004. (Coleção primeiros passos; 135). 1º reimpr. da 4. ed. de 1992.

MONTEIRO. M.C. **Figuras errantes na época vitoriana: A preceptora, a prostituta e a louca.** Fragmentos v. 8 n. 1, p. 61 – 71. Florianópolis. Jul. - Dez. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/6038>

NUNES, Lidiane Carvalho. **O crime como método: Um estudo da literatura policial na obra de Mayrant Gallo.** Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana. Bahia: 2014.

PIRKIS, Catherine Louisa. **As aventuras da senhorita detetive Loveday Brooke.** Tradução de Tarik Alexandre. Curitiba: Editora Urso, 2021.

REDDY, Maureen T. Women Detectives. In: PRIESTMAN, Martin. **The Cambridge Companion to crime fiction.** New York: Cambridge University Press, 2003. (p.191-200)

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTANA, L.W.A; SENKO, E.C. Perspectivas da Era Vitoriana: sociedade, vestuário, literatura e arte entre os séculos XIX e XX. *Revista Diálogos Mediterrânicos.* www.dialogosmediterraneos.com.br. Número 10 – Junho/2016.

SIMS, Michael. **The penguin book of Victorian Woman in crime.** London: Penguin Books, 2011. (p. 9-20; 105-107)

TEDESCHI, Losandro Antonio. **O desafio da escrita feminina na história das mulheres.** Universidade Federal da Grande Dourados: Raído, Dourados, MS, v.10, n.21, jan./jun. 2016. Acesso em: 11/06/2021.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas.** Perspectiva, São Paulo: 2003.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas.** Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. Auricélio Soares Fernandes, por todo o apoio, dedicação, incentivo e paciência ao longo de todo o trabalho. Por ter acreditado em mim e iluminado essa pesquisa para que se tornasse realidade quando eu mesma, por inúmeras vezes, quis desacreditar.

Aos professores do curso de Letras que me acompanharam e sempre me incentivaram durante toda a graduação, em especial aqueles que me fizeram amar a Literatura e fazer dela meu objeto de estudo, o professor José Vilian Manguiera, João Paulo Fernandes e Clara Vasconcelos.

À minha avó e à minha mãe, que me deram todo o suporte possível para os meus estudos. Que foram meu alicerce quando eu pensei em desistir.

Aos colegas de classe que se tornaram amigos e estiveram o tempo todo me ajudando e tornando os dias mais agradáveis e suportáveis.

E, por fim, a todos aqueles que passaram pela minha vida ao longo da graduação, e de alguma forma, colaboraram, acreditaram e apoiaram para o término deste trabalho.